



PROTÓTIPO

Recebi a incumbência de escrever um texto com linguagem despreocupada, que fosse narrativo com um certo tom humorístico.

Bem melhor se a proposta fosse um drama, pois nada seria mais fácil do que narrar essa minha experiência amadora de escritora frustrada, que luta com o teclado e com os neurônios para pensar em algo criativo e interessante. Pelo menos, que levasse o meu "leitor" a não abandonar minha redação no instante que terminasse o parágrafo introdutório.

Complicado. Várias histórias já me vieram à cabeça, mas acho que não seria nada original copiá-las. Mesmo que quisesse ou tentasse não conseguiria. A verdade é que não sou nem um pouco habilidosa para contar piadas, quanto mais para criar um texto que revele um fato com humor, sem cair no ridículo ou no lugar comum.

Sem muita alternativa, pensando bem, certa vez, li uma história num jornal que trazia acontecimentos pitorescos do dia-a-dia. Estes não deixavam de ter graça, principalmente, analisados sob o aspecto do inesperado e da condição de que qualquer um de nós poderia ser a personagem principal das "tramas que o cotidiano no reserva".

É a partir dessa idéia que vai nascendo a minha pequena e modesta crônica, se assim puder chamá-la, _com licença dos grandes escritores e cronistas brasileiros_ sem nenhuma "forçação de barra", como diria qualquer adolescente que estivesse em meu lugar.

Há anos, no início de dezembro, meu filho passou por uma situação constrangedora, mas engraçada, ele estava com seis anos na época e cursava a 3ª série do curso primário na escola onde trabalho. Nosso carro estava com o pneu furado e o estepe descalibrado. Pedi-lhe que me acompanhasse até o posto para levar o pneu na garupa da bicicleta. Ai começou o nosso drama.

Ando de carro todos os dias e nunca me dei conta do tamanho de um pneu. Coisas do dia-a-dia! Ou quem sabe, o cúmulo da falta de atenção. Nada era capaz de agüentá-lo, não havia jeito de prendê-lo no banquinho gradeado de ferro da bicicleta. Era pesado, rolava e caía. Tentamos algumas vezes até que desistimos. Dei-me por vencida. Não devo ter sido a primeira a abandonar a prova sem concluí-la, levando-se em conta a minha falta de paciência.

Isso mesmo! Mas a minha intolerância foi substituída pela persistência do meu menino, que pegou seu skate, deitou cuidadosamente a roda em cima dele, amarrou uma corda entre as engrenagens do rolimã e o puxou até o posto. Foi para ele uma folia. Seu uniforme se encontrava preto de graxa e seu corpo russo de terra. Tirara o tênis para dar melhor impulso ao brinquedo e poder chegar mais rápido; nem sentia a aspereza do solo e os estilhaços de pedra miúdos que lhe furavam os pés e o machucavam. Oito anos de experiência em skate, valia mais que os meus quinze de carteira de motorista, na época! E lá fomos nós!...

O Posto Monza fica a quatrocentos metros da minha casa aproximadamente. Nem três minutos de carro, mas quase vinte a pé. De dez em dez metros, "o meio de transporte do meu pneu" virava, e meu filho ajeitava. Irritada, procurava controlar-me, porque, afinal de contas, Paulo Henrique, meu pequeno e quase pretinho filho — é como ele estava naquele verão de tanto sol que pegara na rua e na praia — só queria me ajudar.

Na rampa de acesso, chamei Jorge, o frentista, que logo veio nos auxiliar. No desamarrear a corda e retirada do pneu, percebi que havia esquecido o dinheiro em casa. Não acreditava naquilo! Além da minha irritação, natural naquela situação, ainda tive de suportar um sarcástico comentário infantil: "Se fosse eu, né, mãe, você ia logo dizer que eu esqueço tudo!"

Deixei-o com o borracheiro e fui até em casa buscar a carteira. Enquanto aguardava a vez, Paulo brincava no calibrador. Chegou a colaborar com os meninos, calibrando carros e bicicletas.

Demorei-me um pouco em casa, mas quando saía, pelo portão entrava, furioso, meu filho. Indignado, quase chorando, sem o pneu! Alguém lhe fez algum mal, imaginei! Mas nem tive tempo de lhe perguntar. Entrava jogando no chão uma moeda e xingando: "Mãe, vai lá pegar o seu pneu porque eu não sou pivete não!". Não me contive, comecei a rir. E só mais tarde pude voltar ao assunto com ele para discutirmos melhor sobre o acontecido.

Sei da possibilidade de meu suposto leitor ficar com pena do meu garoto, mas o fato dele ter sido confundido com um desses meninos que nos atordoam, às vezes, nos postos, em troca de uma gorjeta, se tornou engraçado pela revolta estampada em seu rosto no momento em que isolou a moeda e, cheio de atitude, determinou que não se responsabilizava mais pelo pneu.

E melhor foi o que veio depois. O "meu carente frentista por um dia", após acalmar-se, aproveitou-se da situação e foi saborear um gostoso sorvete com a moeda que recebera, no mesmo posto _local de sua "desgraça"_, mas, dessa vez, já "mauricinho" cheiroso e calçado, feliz, como se nada tivesse acontecido.

(Bia Carvalho)